

**Resumo:** Partindo da realidade política, econômica, ideológica e eclesial brasileira o autor faz uma reflexão sobre o catolicismo vigente. O objetivo é traçar uma análise da eclesiologia que foi sendo edificada nos últimos quarenta anos de caminhada do povo de Deus em solo brasileiro, buscando as causas da opção pelos novos modelos eclesiais que foram se estruturando na realidade eclesial brasileira, no contexto de globalização e de Brasil pós - moderno. E para atingir o que se propõem, busca dialogar com a História, a Economia, o Direito e a Sociologia para propiciar um caráter interdisciplinar ao discurso teológico.

**Abstract:** On the basis of a political, economic, ideological, and ecclesial point of view the author reconsiders Catholicism of today. The aim is to delve into an analysis of ecclesiology which was dominant in the Church during the last forty years here in Brazil. What is intended should clarify the causes for the search of new ecclesial models which were helpful in structuring the ecclesial reality in Brazil in the context of a global view of Brazil in post-modern age. New insights should arise from a fruitful dialogue with subjects drawn from History, Economy, Law, and Sociology discussed in an interdisciplinary theological discourse.

## **Pobres, anjos e demônios: modelos eclesiológicos no Brasil nos preparativos da 5ª Conferência de Aparecida**

*Célio Ribeiro\**

---

\* Mestre em Teologia Sistemática e professor de Ética e Tradições Religiosas na Universidade Regional de Blumenau / FURB .



Na economia ainda não encontramos um novo caminho para iniciarmos um novo êxodo. Na política, a direita e a esquerda continuam com os mesmos discursos. Na teologia, é nítida a necessidade de um redimensionamento. Na ciência, muitas novidades, porém, não são para todos. E na Igreja? A Igreja está bem diferente daquela almejada pelo Vaticano II. Eis o neo-catolicismo, e/ou o cisma eclesial ofuscado. Três modelos eclesiais numa única Igreja: a igreja da contra-mão católica pré-Medellin; a Igreja neopentecostal católica e a Igreja de comunhão e participação.

A primeira é uma Igreja que caminha na contra-mão da história, carregada de badulaques litúrgicos, púrpuras, incensos e muita água benta. É um modelo que procura separar a fé da vida, sente-se puritana, fora da história e se omite diante dos desafios humanos. A segunda é a Igreja dos pastores eletrônicos, vulgarizada de carismática. É um modelo que depende da mídia e das paradas de sucesso. O proselitismo é sua marca registrada. O que vem do mundo é pecaminoso, com exceção do capital e do que dele provém. E na margem podemos ainda contemplar uma terceira Igreja. É a igreja da base, tão presente e atuante na periferia e no campo. Esta encontra-se distante da mídia, é uma igreja que sobrevive da profecia e da resistência. É uma Igreja que acredita na comunhão, até mesmo com os fiéis que comungam com os dois primeiros modelos. Tem como ponto de partida o Reino de Deus em sua dimensão social, política, econômica, eclesial, escatológica e cósmica. Depende essencialmente da comunhão, do pão partido entre os filhos e filhas de Deus, numa perspectiva ecumênica e inter religiosa.

E diante dos modelos ou “Igrejas” que foram, paulatinamente, sendo estruturados na história do Brasil, podemos buscar brechas para a tão sonhada comunhão, expressão que nos faz irmãos e irmãs.

## 1. Contradições eclesiais: pobreza, burguesia e ideologia

No Brasil a burguesia desempenhou o papel de “força do progresso”. Intelectuais de todos os cantos – *marxistas e libertadores* – desenvolveram intensos discursos e obras acadêmicas, apresentando alternativas que não estabeleciam mudanças na posição social dos burgueses. Um



caso típico é o histórico da Vida Religiosa no Brasil. Da mesma, profetas e messias surgiram com intensas e comoventes teorias libertadoras, mas a atuação da Vida Consagrada no mercado burguês da Educação, da Saúde e da Comunicação não atingia a estrutura estabelecida. Ao contrário, alimentava ainda mais o seu poderio econômico abençoado pela legislação filantrópica<sup>1</sup>.

Os religiosos são os primeiros convocados a viver a pobreza enquanto resposta contrária ao mercado. É práxis da *Sequela Christi*. Ocorrendo uma opção pela pobreza, o religioso confirma que deixou a economia de mercado neoliberal para viver numa economia sem nada de próprio. Rompe com sua dimensão profissional para responder à vocação religiosa. Entretanto, após o ingresso na Vida Consagrada – Congregações - passa a ser uma espécie de acionista, ou seja, nada tem em nome próprio, mas tem usufruto de todo o patrimônio da Congregação Religiosa, significando uma entrega ao poder econômico de uma empresa abençoada pela força da filantropia.

*“(...) chegam igualmente até nós as queixas de que a hierarquia, o clero e os religiosos são ricos e aliados dos ricos. Sobre isso devemos esclarecer: com muita frequência se confunde a aparência com a rea-*

1 A Lei 3.577 de 04 de julho de 1959 foi revogada pelo Decreto – Lei 1.572 de 01 de Setembro de 1977. Atualmente a questão da Concessão do Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social é regida pela Lei Orgânica de Assistência Social 9.732 de 11 de dezembro de 1998. A imunidade tributária está prevista pela Lei Federal 5.172 de 25 de outubro de 1966 que instituiu o Código Tributário Nacional nos artigos 9º - 15º. Cf. MACHADO, H. B. *Comentários ao Código Tributário Nacional - v1 em 2 (Artigos 1.º a 95)*. São Paulo: Atlas, 2003. Com a Lei 3.577 de 04 de julho de 1959, as entidades de fins filantrópicos (Esta nomenclatura foi revogada: de Entidade de fins filantrópicos passou para Entidade beneficente de assistência social. Cf. Medida Provisória 2.129 de 23 de fevereiro de 2001, publicada no Diário Oficial da União de 26 de fevereiro de 2001), reconhecidas como de utilidade pública, cujos diretores não recebiam remuneração passaram a ter isenções previdenciárias. Com isso, as empresas que conseguiram o Certificado de Entidade Beneficente de Utilidade Pública passariam a adotar a prática de “Robin Wood”, isto é, tirar dos ricos e dar aos empobrecidos. Assim, 20% da arrecadação total da empresa deveria ser destinada aos empobrecidos. Cf. LOAS 8.742 de 07 de dezembro de 1993 do Conselho Nacional de Assistência Social, artigo 3º, VI. Com isso, os Institutos de Vida Consagrada passaram a ser beneficiados com doações das Entidades Filantrópicas. Cabe lembrar que atualmente as Entidade Filantrópicas são convocadas a fazer assistência social, ou seja, prestar serviços úteis e com frequência a necessidades vitais das pessoas que carecem das mesmas. Por exemplo: uma entidade que oferece programas culturais de alto nível dá a pessoa que não pode pagar uma oportunidade valiosa, mas isso não caracteriza gesto filantrópico, pois não caracteriza uma necessidade básica e vital da pessoa. Cf. LEITE, B. C. Filantropia e Assistência Social, *Revista de Previdência Social*, nº 199/533, 2000.



*lidade. Muitos fatores têm contribuído para a formação desta imagem de uma Igreja hierárquica rica. Os grandes edifícios, as residências dos párocos e de religiosos, quando são superiores às dos bairros em que vivem; os veículos próprios, às vezes luxuosos; a maneira de vestir herdada de outras épocas, são alguns desses fatores... acrescentamos a isso o exagerado sigilo em que se tem mantido o movimento econômico de colégios, paróquias e dioceses, ambiente de mistério que agiganta as sombras e ajuda a criar fantasias; e casos isolados de enriquecimento que foram generalizados. Tudo isso tem levado à convicção de que a Igreja, na América Latina, é rica”<sup>2</sup>.*

Por isso, todo religioso deve sentir-se mais à vontade junto aos empobrecidos. E se chegar a sentar à mesa dos ricos, deve ser como Cristo, para lembrar-lhes, sem meios termos, que eles devem transformar suas riquezas num serviço aos empobrecidos<sup>3</sup>. Porém, este profetismo, às vezes propicia desafios. Entre eles pode estar o martírio.

De modo exemplar, Frei Tito de Alencar Lima, encarnou todos os horrores do regime ditatorial implantado neste continente sob a tutela da dominação norte-americana. Frei Tito permanecerá como símbolo das atrocidades infundáveis do poder ilimitado, prepotente e arbitrário. Ficará, sobretudo, como exemplo a todos que resistem à dominação, lutam por justiça e liberdade, aprendendo, na difícil escola da esperança, que é preferível “morrer do que perder a vida”. Frei Tito foi preso em novembro de 1969. Foi vítima das maiores atrocidades, principalmente entres os dias 17 e 27 de fevereiro de 1970. Seu relato de torturas, redigido na prisão, foi divulgado pela primeira vez no Jornal Publik, na Alemanha e depois readaptado por Frei Betto em 1982.

*“Preso desde novembro de 1969, eu já havia sido torturado no DOPS. Ao chegar à OBAN, no dia 17 de fevereiro de 1970, terça-feira às 14 horas, fui conduzido à sala de interrogatórios. O assunto era o Congresso da UNE em Ibiúna, em outubro de 1968. Queriam que eu esclarecesse fatos ocorridos naquela época. Apesar de declarar nada saber, insistiam para que eu confessasse. Pouco depois, levaram-me para o pau-de-arara. Dependurado, nu, com mãos e pés amarrados, recebi choques elétricos nos tendões e na cabeça. Eram seis torturadores. Davam-me tapas nos*

2 Cf. CELAM, *Conclusões da Conferência de Medellín*. São Paulo: Loyola, 1968, p. 195.

3 Cf. AUBRY, J. *Teologia della vita religiosa alla luce del Vaticano II*. Leuman: LDC, 1988, p. 131 – 132.



*ouvidos e berravam improperios. Ao sair da sala, tinha o corpo marcado por hematomas, o rosto inchado, a cabeça pesada e dolorida. Um soldado carregou-me até a cela, onde fiquei sozinho. Era uma cela de 3 X 2,5m, cheia de pulgas, ratos e baratas. Terrível mal cheiro, sem colchão e cobertor. Dormi de barriga vazia sobre o cimento úmido, frio e sujo. Na quarta-feira, fui acordado às 8 horas e conduzido à sala de interrogatórios... na quinta-feira, três policiais acordaram-me à mesma hora do dia anterior. De estômago vazio, fui para a sala de interrogatórios e lá fiquei por 10 horas... uma hora depois, com o corpo todo ferido e sangrando, desmaiei. Fui desamarrado e reanimado. Conduziram-me a outra sala dizendo que passariam a descarga elétrica para 220 volts a fim de que eu falasse antes de morrer. 'Nosso assunto agora é especial', disse o capitão Albernaz ligando os fios em meus membros. 'Tenho verdadeiro pavor a padre'. O capitão queria que eu dissesse onde estava o Frei Raton. Como não soubesse, levei choques durante quarenta minutos. Queria também os nomes de outros padres de São Paulo. Diante das minhas negativas aplicavam-me mais choques, davam-me socos, pontapés e pauladas nas costas. Gritavam difamações contra a Igreja. Encerrando a sessão daquele dia, carregado, voltei à cela, onde fiquei"<sup>4</sup>.*

Frei Tito foi libertado e banido do Brasil em troca de um embaixador suíço, que havia sido seqüestrado no Rio de Janeiro pela Vanguarda Revolucionária. Frei Tito peregrinou pelo exílio no Chile, Itália, França, encontrando-se definitivamente com a ressurreição. Muitos outros padres e não padres, como Schael Schreiber, Vladimir Herzog e Virgílio Gomes da Silva, morreram na sala de torturas. Outros ficaram surdos, estéreis ou com defeitos físicos e mentais. A esperança desses presos se colocava na Igreja, única instituição fora do controle estatal-militar. Sua missão era e ainda permanece sendo, a defesa da dignidade humana. Onde houver um sofredor, lá está o próprio Deus. A Igreja não pode omitir-se. Num momento como aquele, o silêncio era traduzido como omissão e covardia. Denunciar abertamente as violações como estas e também aquelas que são praticadas contra a vida dos empobrecidos da América Latina é, sem dúvida, a função primordial daqueles que realmente assumiram os empobrecidos como opção e companheiros na missão.

Atualmente, a burguesia se revela incapaz de controlar e administrar o desenvolvimento industrial que suscitou, negando a Terra como

4 Cf. BETTO, F. *Batismo de Sangue*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1982, p. 227-240.



pátria comum<sup>5</sup>. E negando a Terra, nega também os empobrecidos, nega a si mesma e produz seus próprios covetores, isto é, fortalece o crescimento incontrolável da violência e da luta armada.

Os empobrecidos não podem se calar diante da fome. Na cidade e no campo os conflitos se alastram. Na luta pela terra e vida, muitos são os mártires – Josimo, Rodolfo, Ezequiel, Chico Mendes, Doroty Stang, etc – que foram plantados por todos os cantos da Mãe-Terra, causando a indignação social:

*“O fato ocorrido em Eldorado dos Carajás nos leva a repudiar novamente a violência e a arbitrariedade, ainda mais quando vindas da parte daqueles que têm por obrigação proteger a vida e preservar a ordem social. Urgimos a imediata apuração dos fatos e a rigorosa responsabilização dos culpados, para que a impunidade não continue provocando vítimas inocentes... proclamamos mais uma vez nossa convicção de que a solução de conflitos dessa espécie só será encontrada por uma imediata e eficaz reforma agrária, acompanhada de adequada política agrícola, cujo adiamento a nação não mais tolera”<sup>6</sup>.*

Tendo clara visão do que isto significa em nosso tempo, podemos acrescentar: *“Feliz o que não se escandalizar!”* (Mt 11,6). Nestes textos fundacionais de toda evangelização futura, os empobrecidos são os cativos, os cegos, os oprimidos, quebrados e presos, privados de vida e liberdade. Se situarmos no contexto da notícia boa de Jesus de Nazaré, são ainda os que têm fome, sede, os estrangeiros, sem roupas, enfermos (Is 58, 6-7; Mt 25, 34-35). São os sofredores e prediletos no Reino (Mt 5, 4-5).

Jesus veio então para evangelizar os empobrecidos de todas as culturas (Mt 12,18). Todavia, evangelizar significa anunciar a notícia boa do Reino de Deus, isto é: gritar a todos os ouvidos que os prisioneiros serão libertados, os cegos terão a vista e os famintos terão alimentos. Estrategicamente, em seu ministério Jesus tem como horizonte de sua ação todos os *pobres no espírito* (Mt 5,3) de todos os cantos e culturas.

5 Cf. BOFF. L. Cosmologia contemporânea, ecologia e a questão de Deus in: *O Deus dos filósofos contemporâneos*, Petrópolis: Vozes, 2002, p. 229

6 Cf. CNBB. Nota sobre o massacre de trabalhadores rurais em Eldorado dos Carajás, Estado do Pará, emitida durante a 34ª Assembléia Geral dos Bispos do Brasil, de 17 a 26 de abril in: *Folha de São Paulo*, 26 de abril de 1996.



Destarte, os pobres no espírito aqui não podem ser Pilatos, Herodes ou Caifás, mas os que estão privados da *Ruah*, do hálito da vida (Gn 2,7).

Assim, o serviço que a Igreja deve prestar ao ser humano é evangelizar os empobrecidos, optando de maneira preferencial por eles, estando com eles. Estar com os empobrecidos é estar aberto à universalidade do evangelho, ao futuro e ao Reino de Deus. Porém, a Igreja pode evangelizar os ricos, dar a notícia boa enquanto sinônimo de boa consciência para que façam justiça aos empobrecidos: “*vendam e distribuam aos pobres para iniciar o seguimento*” (Lc 18,22).

No entanto, se a finalidade da Igreja fosse evangelizar os ricos, deter-se-ia na particularidade de um modelo econômico selvagem histórico, porque o rico depende, adora e defende o capital que lhe concede a riqueza. Isto é, graças ao sistema que oprime, exclui e mata, o rico é cada vez mais rico. Mas para estar de acordo com a boa notícia de Jesus, a Igreja assume a opção preferencial pelos empobrecidos. Assume porque tem a alternativa: de um lado os ricos, e de outro os empobrecidos. E como Jesus, a Igreja anuncia a todos, mas de maneira preferencial aos empobrecidos.

## 2. Um Brasil pós-moderno e a resistência eclesial

Em tempos de Brasil pós-moderno, vivemos num momento apocalíptico. Podemos dizer: “*Uma besta subiu do mar*” (Ap 13,1). Ela se identifica com as caravelas que aqui aportaram e que pelo capital mataram nossa gente e aqui se instalaram. Com a revelação da primeira besta, conhecemos a crueldade do capitalismo. Mas, no tempo que se chama hoje, “*vi depois outra besta sair da terra*” (Ap 13,11). E é esta segunda besta que define o tempo presente. A segunda besta vem mostrar o seu jeito de ser e agir. Ela é um novo sistema que denominamos de neoliberalismo. Ela faz com que os habitantes da terra adorem a primeira besta, o capital. Ela seduz os habitantes da terra, é autêntico fetiche. E o que acontece com quem não adorar a besta? “*Foi permitido a ela guerrear contra os santos e vencer. Recebeu autoridade sobre tribo, língua e nação*” (Cf Ap 13,7). A besta domina o mundo inteiro, entrou na dinâmica da globalização.

A situação é crítica! Mas um pequeno resto não aderiu ao projeto da besta. São lideranças proféticas que mantêm a resistência, associando a fé com a vida. No Brasil percebemos esta resistência. Com os povos



afros, o espírito de Zumbi mantém presença pela garra do Frei Davi e irmãos da Pastoral Afro no êxodo aos quilombos de hoje, novas vilas de liberdade. Com os povos ameríndios, o Conselho indígena missionário (Cimi) busca a recuperação de uma identidade violentada. Junto aos operários, Santo Dias, Pe. Giuseppe Pegoraro e Valdemar Rossi deram seu grito de resistência. Enfim, junto aos sem terra, a Comissão Pastoral da Terra, José Rainha, Deolinda e Doroty Stang desafiaram poderosos para iniciar o caminho à terra onde corre leite e mel. Mas a besta não foi vencida, continua sua prática, destruindo comunidades e fortalecendo a ordem estabelecida pela globalização.

### 3.O mercado bestial globalizado

A notícia do assassinato do presidente Abraham Lincon, em 1865, levou 13 dias para cruzar o Atlântico e chegar à Europa. A queda da bolsa de valores de Hong Kong, em outubro de 1997, levou 13 segundo para cair como um raio sobre São Paulo, Tóquio, Nova York, Tel Aviv, Buenos Aires e Frankfurt. Eis ao vivo, em cores e online, a globalização e suas conseqüências entre ricos e empobrecidos. A globalização não é apenas palavra da moda, mas a síntese das transformações radicais pelas quais vem passando a economia mundial desde o início dos anos 80. O único exagero nessa descrição sumária é o de tomá-la como palavra da moda.

A globalização atinge diretamente mesmo aqueles que se globalizaram sem ter plena consciência do fenômeno. Por exemplo: o jogador de futebol Ronaldinho. Um dos anúncios que ele protagoniza foi criado pela multinacional norte-americana NIKE, que fabrica seus produtos em países como Vietnã e Indonésia, para vender seus produtos no Brasil no início, e atualmente na aldeia global. A globalização não é só de ordem econômica, mas também cultural, o que inclui desde informações instantâneas até o predomínio do inglês, o idioma da globalização.

Um outro exemplo é o pop star Marcelo Rossi, que deixou as gravadoras católicas para gravar músicas neopentecostais pela Polygram; entrando na dinâmica do mercado, ocupando espaço de outras estrelas para vender seus produtos. Esta força do mercado equivale ao fetiche bestial de Apocalipse 13,1, contagiando até mesmo os setores mais conservadores da Igreja católica, pois o capital é demasiado e muito sedutor.



Destarte, percebemos que milhões de garotos de grandes centros ou periferias almejam o pedestal de Ronaldinho e que milhares de seminaristas contemplam o pedestal de Marcelo Rossi. Pois, para o mercado, a pessoa é produto e todo produto deve ser moldado nas linhas de montagem.

Se a CNN (Cable News Network), a rede global de TV, deu o início à informação em escala planetária, é a internet, a rede de computadores, que tecem dia após dia, vínculos crescentes entre os que estão nela plugados. Tece para o bem ou tece para o mal. São sistemas semelhantes à internet que permitem a cada Bolsa de valores saber a todo momento o que ocorre nas demais Bolsas, por remotas que sejam. São estes sistemas que permitem às multinacionais o conhecimento real do mercado. É este sistema que justifica a demissão de milhões de trabalhadores do dia para a noite, propiciando uma devassa na estrutura social e uma opulenta crise. A globalização diminui as distâncias e lança o mundo na era da incerteza. Não há alternativas, estamos envolvidos numa política econômica de dominação estrangeira, cujo império possui trono fixo.

Em termos econômicos, o fenômeno da globalização é bem mais que uma fase suplementar do processo de internacionalização do capital industrial, desencadeada há mais de um século. Estamos diante de um novo modo de funcionamento sistêmico do capitalismo mundial ou, em outros termos, de uma nova modalidade do regime de acumulação e de exclusão. O mundo nunca foi tão pequeno, apesar de porteiros, cercas e muros de separação continuarem a existir. Em tempos de pós-modernidade, as distâncias são eliminadas, mas as fronteiras evoluem.

A indústria de telecomunicação vive uma explosão sem precedentes, somada ao barateamento e à popularidade da informática. Paralela, começa a esboçar uma convergência entre infra-estrutura de comunicação e a mídia, à medida que ambas se digitalizam sem limites. É essa conjunção que torna possível um mundo globalizado, cuja ideologia provém do mercado que apela por mais mercado. Eis o modelo neoliberal. Uma economia determinista que enriquece cada vez mais os ricos e aumenta incondicionalmente a grande parcela dos empobrecidos.

#### 4. Uma Igreja neoliberal?

No neoliberalismo, a pessoa só tem boca para consumir, seu poder avassalador exclui a possibilidade de alternativas e ou novos modelos. É



um poder ilimitado, a ponto de invadir e domesticar continentes inteiros e pessoas de todas as classes e instituições. A Igreja não se exclui do modelo. O neoliberalismo chega a fazer da própria Igreja uma parcela do mercado. Além de exemplar consumidora de todos os setores do mercado – com destaque aos produtos de construção civil, automobilística e comunicação – a Igreja é também fornecedora ao próprio mercado, através da Educação, Saúde e Comunicação.

Nessa racionalidade econômica que denominamos de neoliberalismo, esconde-se uma nova concepção de ser humano, que reduz a mulher e o homem à capacidade de gerar o lucro, exacerbando a corrida egoísta para ganhar e possuir sempre mais. É concretização da lógica do ter para existir ou “*consummo, ergo sum*”. Esta lógica leva o ser humano a atentar contra a integridade da criação, desencadeando a cobiça, a corrupção e a violência. Quando estas tendências se espalham nos grupos sociais, o sentido comunitário desaparece, originando espaços para práticas neopentecostais, modelo religioso apropriado para a prosperidade. Busca-se o divino para resolver situações pessoais, sejam de ordem econômica ou existencial.

Destarte, impõe-se uma ordem de valores na qual se priva a liberdade individual como meio para atender, sem restrições, ao prazer. É um conceito de liberdade que exclui o Estado da iniciativa privada, e rompe com valores como solidariedade, comunhão e fraternidade. O outro é sempre uma ameaça. O eu determina o tu, mesmo que seja divino. As leis do mercado tornam-se mandamentos. O existir depende do bom estado do mercado global.

Mediante o processo de globalização da economia, essa nova concepção de ser humano penetra no Brasil, transmitindo conteúdo simbólico com demasiada capacidade de sedução. Graças ao domínio sobre os meios de comunicação, as identidades culturais se convertem ao mercado.

No mercado global nada se perde, tudo pode ser vendido. Desde bugigangas religiosas a armas nucleares, tudo se vende. Até deuses podem ser transformados em objeto de consumo. O pecado mais praticado é contra o segundo mandamento: utiliza-se o nome Deus em tudo, principalmente para vender e para comprar.

O mercado é um novo messias, está em todos os lugares, ronda a periferia e invade com autoridade os aposentos de grandes banqueiros.



Foi o mercado que destruiu o cisma do globo em primeiro, segundo e terceiro mundo. A guerra fria teve seu final pelo poder do mercado, convertendo antigos inimigos em parceiros econômicos. E de seu ventre de prostituta pariu um globo sem barreiras comerciais e liberou a todos da coletividade e das comunidades para a corrida de adoração ao capital.

## 5. Neocatolicismo?

Na segunda metade do século XX, o Brasil se aventurou de modo crônico em tentativas de reformas, que em geral acabaram sendo utópicas pela rapidez da evolução, as expectativas irrealistas, os contrastes entre demagogas ditaduras sustentadas por forças militares e planos econômicos diversos, por sua vez fundamentadas numa “doutrina de segurança nacional” que preservou uma política de anticomunismo radical a serviço dos interesses do modelo capitalista norte-americano. O Brasil começava a dar passos lentos para tentar deixar de ser colônia e terra de missão para saborear a liberdade moderna, que não resolveu os problemas dos empobrecidos. Pelo contrário, iludiu e os jogou na lama de um país pós-moderno.

O grande fenômeno da urbanização, o desenvolvimento das multinacionais nas grandes cidades, reformas agrárias improvisadas a partir das classes dominantes, exploração unilateral dos recursos naturais, foram os frutos da modernidade. No entanto, nada resolveu, nada favoreceu aos empobrecidos, pois havia grandes interesses do capital estrangeiro e falta de vontade política. Emergiam gritantes contradições: grande predomínio de uma concentração da riqueza agrária e industrial nas mãos de poucos, decididos a defender com “unhas e calibre doze” os próprios privilégios.

### 5.1. Opção pelas comunidades eclesiais de base: um modelo original

No final do Brasil moderno, a nova ordem estava estabelecida. Os empobrecidos tornaram-se excluídos, foram expulsos do mercado, nada consumiam, tornaram-se o resto da economia. Todavia, do resto veio a resistência. Não faltaram vozes proféticas, como as de Dom Hélder Câ-



mara, bispo de Recife, Dom Pedro Casaldáliga, bispo da prelazia de São Felix do Araguaia, Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo e Dom Luciano Mendes de Almeida. Quatro santos, quatro profetas! Mas os principais agentes da resistência estavam muito bem presentes nas pequenas comunidades.

Estas pequenas comunidades surgiram nos anos 50, preparando a efervescência representada pelas várias pastorais sociais. Os leigos foram chamados a assumir responsabilidades adquiridas no batismo. Com a iniciativa do alto clero, surgiram as denominadas Comunidades Eclesiais de Base, fruto ardente do Espírito Santo que também aqui pairou.

No mais profundo mistério do amor da Trindade, surgiu uma Igreja de comunhão-participação, politizada, popular em suas expressões e profundamente evangélica em seu espírito. Era um novo jeito de ser igreja, que nascia da base, acolhendo o Reino de Deus como projeto que aqui começa e transcende a história. E, como afirma o poeta Zé Vicente: *“na Bíblia bem aberta encontraram a luz certa”* para denunciar e resistir contra a dominação estrangeira e o poder dominante nacional.

No Brasil, os movimentos de libertação descobriram a liberdade. Acabou o conflito entre liberdade e libertação. A teologia latino-americana procurou iluminar e orientar, com método adequado, a busca de uma alternativa teológica pós moderna. Desde a década de 80, a Igreja também tem buscado uma identidade perdida. Teve identidade clara nos tempos de Medellín e Puebla. Porém, paulatinamente foi perdendo essa identidade e o rumo da história, passando até mesmo a caminhar na contra-mão. Consciente ou não, a cristandade vem sendo recuperada, ofuscando o sangue dos mártires e o protagonismo do povo de Deus.

## 5.2. Opção pelo neopentecostalismo: um modelo reproduzido

Em tempos de globalização, pós-modernidade e exclusão social, econômica e eclesial, torna-se propícia a revitalização de demônios e a confecção de milagres. É tempo de suplicar aos céus o que na terra parece impossível. Assim, podemos afirmar a concretização da opção pelo catolicismo mercadológico e televisivo. É um novo modelo eclesial



que vigora, sem nenhuma originalidade. É um modelo eclesial copiado do neopentecostalismo norte americano.

Nesse modelo, o batismo no Espírito é o âmago da experiência do crente. O neopentecostal é aquele que foi batizado no Espírito, transbordando as graças recebidas, sendo muitas delas em dólar e/ou prosperidade.

*“Gunnar Vigran e Daniel Berg, dois suecos naturalizados americanos, chegaram a Belém do Pará no dia 19 de novembro de 1910 a bordo de um navio de terceira classe, e se alojaram no abafado e calorento porão da Igreja Batista da rua São João Balby. Dormindo numa só cama, estavam longe de supor que o acontecimento marcava o início do maior fenômeno religioso experimentado na América Latina”.<sup>7</sup>*

Como podemos observar, os “demônios descem do norte” e tornam-se bem-vindos a muitos religiosos discípulos do capital. A origem do movimento neopentecostal nos Estados Unidos começou por volta de 1890, quando o pastor Daniel Awrey, em Delaware, Ohio, já reunia fiéis em cultos caracterizados como neopentecostais. Em 1900, no Estado de Tennessee ocorreu uma concentração com centenas de adeptos, com desdobramentos no Kansas, Oklahoma e Texas. Um encontro com grande público teve lugar em Los Angeles em abril de 1906 e, a partir daí, o movimento espalhou-se pelos quatro cantos dos Estados Unidos.

Em 1967, por iniciativa de professores e alunos da Universidade católica de Duquesne, no centro da cidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos, surge a Renovação Carismática, reproduzindo a experiência neopentecostal na Igreja católica. Mas a confirmação do movimento veio em 1973, em Grottaferrata, perto de Roma, quando os participantes do primeiro congresso de lideranças de 34 países do neopentecostalismo católico ouviram do Papa Paulo VI o seguinte pronunciamento:

*“Estamos sumamente interessados no que estais fazendo. Ouvimos falar muito sobre o que acontece entre vós e nos regozijamos. Alegramo-nos convosco, queridos amigos, pela renovação de vida espiritual que hoje em dia se manifesta na Igreja, sob diferentes formas e em diferentes ambientes”<sup>8</sup>.*

7 Cf. MONTEIRO DE LIMA, Delcio. *Os demônios descem do norte*. Rio de Janeiro: Francisco Albves, 1987, p 60.

8 *Ibidem*, 96.



Mais tarde, no quarto congresso internacional dos neopentecostais católicos, foram recebidos em audiência especial nos jardins do Vaticano, e o Santo Padre endossou:

*“Sinto-me verdadeiramente feliz em ter esta oportunidade para falar de coração aberto a vós que viestes de todo o mundo para participar desta conferência estabelecida para assistir-vos no cumprimento de vossa tarefa como dirigentes da Renovação Carismática. De modo especial quero assinalar a necessidade de enriquecer e tornar clara essa visão eclesial que é tão essencial para a renovação, nesta etapa de seu desenvolvimento”<sup>9</sup>.*

No Brasil, a Renovação Carismática Católica foi importada pelos padres jesuítas em 1972, espalhando-se depois por todo o território nacional, pregando um proselitismo mercadológico e anulando as pequenas comunidades eclesiais de base. A direção internacional da RCC é o *International Catholic Charismatic Renewal Office*, que funciona em Roma. Na América Latina a sede está em Bogotá, Colômbia. Em Dallas, Estados Unidos, funciona um centro especializado na preparação de jovens da América Latina para a utilização dos meios de comunicação no trabalho missionário. É uma Igreja disfarçada de movimento, que atua livremente dentro de outra Igreja.

No Brasil, pela força da mídia e da prática mercadológica, a RCC está em todas as instâncias da Igreja. O trabalho de envolvimento e a infra-estrutura é espantoso. Centenas de milhares de pessoas estão comprometidas. Bispos e padres que apreciam palcos e a mídia foram convertidos. Do ponto de vista teológico, a Renovação Carismática nada acrescenta ao catolicismo. Entretanto, reforça o modelo eclesial pré-Vaticano II. Assim, afirmamos que a RCC nada possui de original, pois a mesma é apenas produto de importação protestante para conter o avanço político das comunidades eclesiais de base.

Evidentemente, a RCC não é o primeiro e único movimento revitalizador da história da Igreja. Sabe-se que nos momentos de crises históricas, sejam elas de ordem social, política, econômica ou eclesial e/ou em fins de milênio, são inevitáveis as constantes buscas pelo metafísico e/ou soluções imediatas. Dessas crises resultaram os movimentos milenaristas.

---

<sup>9</sup> Ibidem, 97.



No gnosticismo herético do século II, que foi duramente bombardeado por Clemente de Alexandria<sup>10</sup>, podemos encontrar as raízes do Milenarismo. O gnosticismo parte do dualismo grego – matéria e alma – para defender que Jesus é apenas Deus e não matéria. Assim, a salvação é o ato de romper com a matéria. Para os gnósticos como Valentim, os espirituais, que encontraram a verdade por dom natural, estão distantes dos simples, contagiados pela matéria.

Depois de um milênio de história, no século IX, X e XI, o feudalismo assumiu seus contornos em vastos territórios do Ocidente. Os clérigos assumem a posição de legitimadores de um modo de produção. Nos mosteiros, abades mantêm concubinas. Bispos com elmo, em vez de barretes. Males que a Igreja terá que carregar durante séculos já estão em estado de incubação<sup>11</sup>.

Se no início da era cristã a gnose foi a origem do milenarismo, e no final do primeiro milênio o feudalismo constituiu a confirmação do mesmo, no final do segundo milênio, podemos dizer que a RCC confirma as teses milenaristas históricas. Vejamos a afirmação do Padre Caetano Minette de Tellesse, um dos teólogos da Renovação Carismática: “*O cristão é aquele que não tem projeto para o nosso momento histórico, ou seja, nada tem a fazer aqui. O cristão é aquele que espera no céu outro mundo*”<sup>12</sup>. E enquanto os fiéis esperam, o império da RCC cresce sem medida e as “*sacolinhas*” engordam.

Todavia, no interior da RCC podemos encontrar pessoas muito simples que, em vez de assumir uma prática neopentecostal mercadológica, deixam-se contagiar por uma experiência pentecostal, fazendo uma leitura popular da Palavra de Deus, que passa a ser luz para os próprios passos. São pobres que se põem nas pegadas deixadas por Jesus, o mesmo que leva ao encontro dos empobrecidos. Estes são os grandes mestres do movimento, pessoas iluminadas e autenticamente carismáticas.

10 FIGUEIREDO, Fernando. *Curso de teologia patristica*. V2 em 3, Petrópolis: Vozes, 1984, p. 84.

11 PIERRARD, P. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1982, p. 77.

12 TELLESSE, Caetano Minette. *A teologia da libertação a luz da renovação carismática*. São Paulo: Loyola, 1986, p. 32.



## Considerações finais

Até fins da década de 80, em qualquer homilia, discurso ou conferência teológica e/ou político-social, teóricos ou agentes de pastoral enfatizavam sempre o termo “pobre” enquanto chave hermenêutica. Todos os bons discursos eram carregados de apologia dos direitos dos empobrecidos.

Atualmente a palavra “pobre” perdeu lugar para o termo “anjo”. Não sei se a Igreja caiu ou se o céu desceu. Sei que nenhum dos empobrecidos deste país é um número, um qualquer. Antes é um ser, a própria paixão da Trindade, Deus dos cristãos, que não se esgota num círculo fechado, transcende a tudo, é um irmão ou uma irmã, parte da comunidade humana, grande “imagem e semelhança” do Criador. Por isso, devemos resgatar a mesma imagem que existia na criação. Enquanto um faminto de pão e liberdade existir, a imagem da Trindade estará ofuscada, os conflitos não cessarão.

Com isso quero dizer que a opção preferencial pelos empobrecidos constitui o núcleo do cristianismo. É na comunhão com os pequenos que comprovamos a legitimidade de nossa ortodoxia, seja ela de ordem tradicional, comunitária, pentecostal ou neopentecostal. Toda ortodoxia é viável quando há uma ortopraxis em favor da vida, da ecologia e da paz.

Assim, a profissão de fé cristã é transformada em crítica a uma sociedade marcada pela banalização da morte. Nessa sociedade, a morte de um empobrecido é vista e apresentada pela mídia enquanto “mais um” da lama pós-moderna. Esta injustiça clama por esperança e atitudes ecumênicas para com os desumanizados. Resulta daí a exigência de uma profunda retomada de consciência para que o cristianismo seja uma proposta contra a extinção da vida.

*Endereço do Autor:*

E-mail: celio@furb.br

## Obras consultadas

AUBRY, J. *Teologia della vita religiosa alla luce del Vaticano II*. Leu-man: LDC, 1988.



- BETTO, F. *Batismo de Sangue*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1982..
- BOFF, L. Cosmologia contemporânea, ecologia e a questão de Deus in: *O Deus dos filósofos contemporâneos*, Petrópolis: Vozes, 2002.
- CELAM, *Conclusões da Conferência de Medellín*, 1968.
- CNBB. Nota sobre o massacre de trabalhadores rurais em Eldorado dos Carajás, Estado do Pará, emitida durante a 34ª Assembléia Geral dos Bispos do Brasil, de 17 a 26 de abril in: *Folha de São Paulo*, 26 de abril de 1996.
- FIGUEIREDO, Fernando. *Curso de teologia patrística*. V. 2 e 3, Petrópolis: Vozes, 1984.
- PIERRARD, P. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1982.
- LEITE, B. C. Filantropia e Assistência Social, *Revista de Previdência Social*, nº 199/533, 2000.
- MACHADO, H. B. *Comentários ao Código Tributário Nacional - vl em 2 (Artigos 1.º a 95)*. São Paulo: Atlas, 2003.
- MONTEIRO DE LIMA, Delcio. *Os demônios descem do norte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.
- TILLESSE, Caetano Minette de. *A teologia da libertação à luz da renovação carismática*. São Paulo: Loyola, 1986.